Auto-Organização Autónoma e Intervenção Anarquista:

Uma tensão na prática

Anti-copyright

raividições 2006
raividita@yahoo.com

Introdução: algumas definições e explicações

Cada luta potencialmente libertadora por entre @s explorad@s e sem posses deve ser baseada na auto-organização autónoma. Como anarquistas, nós normalmente também estamos entre @s explorad@s, temos todas as razões para participar e encorajar estas lutas. Mas dado que temos ideias em concreto de como queremos levar a cabo as nossas lutas e um objectivo especificamente revolucionário, a nossa participação toma a forma de uma intervenção que procura mover as lutas numa direcção específica. Não possuindo qualquer desejo de ser qualquer tipo de vanguarda ou liderança ou de ser apanhad@ no jogo sem prazer da politiquice, encontramo-nos numa tensão de tentar viver a nossa concepção de luta e liberdade dentro do contexto de uma realidade não-livre, de tentar confrontar os problemas diários reais que temos perante nós com a nossa própria recusa de jogar segundo as regras deste mundo. Assim, a questão da auto-organização autónoma e da intervenção anarquista é um problema corrente com o qual nos prendemos, recusando cair em respostas fáceis e fé em panaceias organizacionais.

Para começarmos a explorar esta questão comecemos com algumas definições e explicações.

Auto-organização autónoma

Quando falo de auto-organização autónoma, estou a falar de um fenómeno específico que tende a aparecer quando as pessoas, enraivecidas pelas suas condições e tendo perdido a fé n@s delegad@s para agirem por elas, decidem actuar por si mesmas. A auto-organização autónoma, assim, nunca se manifesta sob a forma de um partido político, de um sindicato ou qualquer outro tipo de organização representativa. Todas estas formas de organização reclamam *representar* as pessoas em luta, para agirem em seu nome. E o que define auto-organização autónoma é precisamente a rejeição de toda a representação. Partidos, sindicatos e outras organizatamente contra o existente, pela destruição de toda a dominação e exploração, pelo fim de toda a prática de especialização e representação, incluindo a do activismo especializado. É a tensão que nasce do conhecimento sobre o que desejamos e, ao mesmo tempo, de sabermos que enfrentamos um mundo que está desenhado para nos impedir de realizarmos esses desejos – saber, por outras palavras, que as nossas vidas são batalhas. É, ao mesmo tempo, a tensão da cumplicidade de desejos na qual as diferenças entre indivídu@s criam as harmonias de afinidade entrelaçadas que indicam a direcção para um novo e verdadeiro modo livre de viver. É nesta tensão que a auto-organização específica de revolta conscientemente anarquista pode encontrar o caminho para se entrelaçar com as lutas diárias de tod@s @s explorad@s nos pontos em que essas lutas começam a experimentar a acção directa e a auto-organização. Um novo mundo baseado no prazer e na exploração dos nossos desejos é possível, ele começará a crescer onde quer que a auto-organização da revolta contra este mundo flua para a auto-organização da própria vida.

Traduzido e publicado pela raividições em 2006

prazenteira para cada um. Isto não é um pormenor, é algo essencial. Assim que o objectivo de organizarmos as nossas lutas e as nossas vidas em conjunto deixa de ser o de procurarmos entrelaçar os nossos diferentes desejos, interesses e necessidades de modo a que todos se sintam completos e em vez disso se torna o de chegar a compromissos, posições, programas e plataformas tomam o lugar de desejos, sonhos e aspirações. Então, @s representantes das várias posições, programas e plataformas encontram o seu lugar na situação e transformam a auto-organização em política. Aconteceu antes em situações revolucionárias, com horríveis resultados.

Isto dá-nos umas luzes sobre como a intervenção anarquista é melhor levada a cabo. Nós não precisamos de criar nenhum tipo de organização política para representar a anarquia. Fazê-lo iria, na verdade, ser trabalhar contra a auto-organização. Ao invés, nós devíamos começar por nós mesm@s, pela nossa própria condição como indivídu@s que nos foi roubada, pela nossa luta contra essa condição e pelo nosso desejo de sermos @s criadores/as da nossa própria existência. Com esta base, a intervenção anarquista não seria evangelhismo por um programa político ou pela verdadeira consciência revolucionária. Ela seria, isso sim, a busca de cúmplices, o desenvolvimento de relações de afinidade, o entrelaçar dos nossos desejos e paixões, da nossa raiva destrutiva, das nossas ideias e sonhos com aqueles/as de outr@s nas suas lutas e revoltas. Tal busca pode encontrar o seu caminho no seio de movimentos sociais de revolta, descobrindo as afinidades em expansão que oferecem uma federação informal de cumplicidade. Ela pode também encontrar o seu caminho onde parece não existir nenhum movimento social, pondo a descoberto as veias escondidas de outras revoltas individuais procurando cumplicidade, e nestas veias escondidas encontrando talvez o embrião de um novo movimento social.

Em qualquer caso, esta intervenção, ao recusar a política e os seus métodos, torna-se uma tensão em direcção à revolução e liberdade em vida e luta, empurrando ininterrup-

ções representativas tendem a interagir com a organização autónoma apenas sob a forma de recuperadores da luta, guerreando-se para tomar a liderança e se imporem como porta-vozes da luta – normalmente com o objectivo de negociar com @s governantes. Assim, eles podem ser vistos apenas como potenciais usurpadores onde quer que uma revolta auto-organizada esteja a ocorrer.

A auto-organização autónoma tem certos traços essenciais que a definem. Primeiro que tudo, é não-hierárquica. Não há liderança ou autoridade institucional ou permanente. Enquanto que alguém que se evidencie particularmente conhecedor/a no que respeita a assuntos específicos relacionados com a luta que se tem em mãos ser-lhe-á dada a atenção devida por tal conhecimento, não se pode permitir que isto se torne a base para quallquer papel de liderança, pois isso iria minar outro traço essencial da auto-organização autónoma: comunicação e relações horizontais. Isto é uma questão de pessoas falarem umas com as outras, de interagirem umas com as outras, de expressarem necessidades e desejos abertamente, discutindo realmente os problemas que enfrentam em conjunto e em termos práticos, sem qualquer liderança para ajustar esta expressão a uma linha rígida. Isto leva-nos a um outro traço, um que pode ser controverso para ideólog@s colectivistas, mas que é a única maneira de garantir os primeiros dois traços: a unidade básica da auto-organização autónoma é @ *indivídu@.* Se assim não fosse, poder-se-ia argumentar que todos os estados e negócios são auto-organizações autónomas, pois no nível institucional e colectivo eles realmente organizam-se a si próprios, mas @s indivídu@s que incluem a sua componente humana são definid@s por estas instituições e colocad@s de acordo com as necessidades institucionais. Portanto, auto-organização autónoma é acima de tudo @ indivídu@ a organizar-se a si mesm@, sob os seus próprios termos, contra as condições que este mundo lhe impõe, encontrando os meios necessários para levar a cabo essa luta. Mas entre os meios necessários estão as relações com outras pessoas, portanto a auto-organização autónoma é também uma práti-

ca colectiva. Mas essa prática colectiva não se baseia em indivídu@s conformistas a uma organização que se lhes é imposta, é sim baseada no desenvolvimento de relações de mutualidade entre elas/es, nas quais descobrem as áreas comuns nas suas lutas e necessidades, afinidade nos seus sonhos e desejos. Poder-se-ia dizer que auto-organização autónoma é o desenvolvimento de uma luta partilhada baseada na mutualidade para a completa realização de cada indivídu@ envolvid@. Para melhor clarificar este ponto (e mais rapidamente contrariar uma falsa dicotomia muitas vezes feita em ambientes revolucionários), pode-se olhar para ele em termos de luta de classes revolucionária. Enquanto que os pormenores variam, revolucionári@s anti-estado e anti-capitalistas concordam geralmente que a "tarefa revolucionária" da classe explorada é abolir-se a si mesma como classe assim como abolir a sociedade de classes. O que é que isto significa e o quando é que acontece no decorrer de uma luta? A mim parece-me que isto significa precisamente a redescoberta de si própri@ como indivídu@ com os seus próprios desejos, necessidades e sonhos, que não tem qualquer relação com o que o capital tem para oferecer, desejos, necessidades e sonhos que são melhor preenchid@s em livre associação com outr@s, baseada na mutualidade e afinidade. Quando, no decorrer da luta, @s explorad@s começam a descobrir os métodos de organizarem a sua própria actividade em conjunto, este processo de se abolirem a si mesm@s como classe tem já começado, visto que elas/es estão a começar a falar e a agir umas/uns com @s outr@s precisamente como *indivídu@s*. Finalmente, a auto-organização autónoma é *prática*. Não é a preparação de nenhuma organização formal para representar seja o que for. É antes o juntar dos elementos necessários para efectuar as várias tarefas e actividades necessárias à luta particular. Isto tenderá a incluir o desenvolvimento de modos de comunicar, de modos de coordenar acções, de modos de obter as ferramentas necessárias e por aí fora.

Como veremos abaixo, em lutas de larga-escala, há tendência a desenvolverem-se assembleias para discutir o que

revoltassem.

Um outro exemplo do que pode acontecer quando os representantes da luta tomam controlo aconteceu no bairro onde vivo. Em Maio de 2003, a três quarteirões da casa onde estava a viver, um bófia assassinou uma mulher que estava num carro que eles mandaram encostar. Houve uma resposta imediata de revolta em todo o bairro, com um memorial espontâneo no lugar onde ela foi morta, e manifestações e ajuntamentos. A mulher era Afro-Americana, e nesta região os líderes religiosos têm um papel central na "comunidade" Afro-Americana. Assim, os líderes religiosos impuseram-se imediatamente como representantes da revolta, e imediatamente dirigiram qualquer luta potencial para os "canais próprios", apelando à não-violência. Alguns anarquistas escreveram e distribuíram flyers acerca da natureza da polícia, mas obtiveram pouca resposta. A trajectória desta "luta" específica já tinha sido arranjada pelos líderes religiosos que já se tinham colocado como representantes, e essa direcção ia ao encontro de apelos à reforma das práticas dos poderes governativos, um apelo que se mostrou indigno, visto que o agente assassino está de volta às ruas com as autoridades e os media a protegerem a sua identidade.

Conclusão

A auto-organização autónoma terá de ser a base tanto de uma existência verdadeiramente livre como da luta para alcançar essa existência. Ela é o oposto da política e na prática ou a rejeita ou é destruída por ela. A prática de auto-organização parece desenvolver-se espontaneamente quando as pessoas se levantam em revolta. O que a distingue da política é a sua oposição à representação e ao compromisso – não apenas com a ordem dominante, mas também dentro do próprio movimento auto-organizado. Assim, em vez de procurar impor decisões colectivas envolvendo compromisso, ela procura encontrar um método de entrelaçar os desejos, interesses e necessidades de um modo que é realmente

Dois exemplos do problema

Quando a administração Bush começou a falar da "necessidade" da presente guerra sobre o Iraque, houve imediatamente algum protesto. À medida que as desculpas da administração acerca das razões para a guerra se tornavam cada vez mais suspeitas, o questionamento da guerra foi bem para lá de qualquer meio activista. Desde Janeiro de 2003 e durante o começo da guerra, viram-se enormes manifestações nas quais a grande maioria dos envolvidos não eram activistas. Mas a maioria das marchas e manifestações foram organizadas por especialistas em activismo, polític@zec@s da esquerda com os seus próprios planos. Em Los Angeles, a coligação activista que organizou as manifs era dominada pela ANSWER (um grupo fachada para um dos vários partidos socialistas-ABC) e Not In Our Name (um grupo fachada do Partido Comunista Revolucionário). As manifestações eram marchas bem reguladas terminando em comícios com os típicos aborrecidos retóricos oradores – os pregadores do público que @s activistas adoram. Talvez a coisa mais ridícula tenha sido a competição entre a ANSWER e a Not In Our Name pela atenção da multidão. A ANSWER apelaria a uma abordagem ao protesto mais reservada, enquanto a Not In Our Name apelaria a uma mais militante, mas ambas estavam obviamente a tentar estabelecer a sua liderança sobre o movimento. Não ficaria surpreendido se tivesse havido uma dinâmica semelhante em muitas outras cidades. Portanto é sem surpresa que o movimento anti-guerra se tenha reduzido a um movimento principalmente activista, e um não muito energético. Sem dúvida, com o aumento da exposição da extensão de desonestidade da administração, há ainda uma grande quantidade de questionamento mas sem resultados. Dado que a moral d@s soldados American@s no Iraque é extremamente baixo e a taxa de deserção alta, é evidente que há um potencial de resistência entre @s soldados, mas sem um movimento *social* de resistência ao esforço de guerra, os soldados podem sentir que não teriam nenhum apoio se se

é necessário; elas não são estruturas formalizadas, mas sim métodos específicos para lidar com os problemas que vão aparecendo.

Intervenção anarquista

Nós, anarquistas, estamos muitas vezes entre @s explorad@s e sem posses. Assim, temos uma necessidade imediata de lutar contra esta ordem social. Ao mesmo tempo, chegamos a esta lutas diárias com uma consciente perspectiva revolucionária e com ideias específicas sobre como leva a cabo estas lutas. Assim, é inevitável que a nossa participação como anarquistas tome a forma de intervenção. E portanto vale a pena considerar o que faz da nossa participação uma intervenção.

Primeiro que tudo, como anarquistas nós vimos para cada luta com uma perspectiva revolucionária consciente. Seja qual for a causa específica que provoque uma luta, nós reconhecemo-la como um aspecto da ordem social que deve ser destruída de modo a abrir as possibilidades para uma livre e auto-determinada existência. Lutas e revoltas são geralmente provocadas por circunstâncias específicas, não pelo reconhecimento em massa da necessidade de destruir o estado, o capital e todas as instituições através das quais a dominação e a exploração são conduzidas. A intervenção anarquista, portanto, tenta expandir a luta para além da causa circunscrita que a provoca, tenta focar, não apenas por palavras, mas pela acção, a ligação do problema específico em mãos com a realidade mais ampla da ordem social que nos rodeia. Isto incluiria encontrar e expor as coisas em comum entre várias lutas, assim como as diferenças que podem realçar uma mais alargada luta de revolta.

Porque nós anarquistas vimos para qualquer luta com uma perspectiva revolucionária específica, é do nosso interesse propor uma metodologia de luta que leve nela esta perspectiva, uma metodologia com princípios que oferece uma base para a nossa cumplicidade em qualquer luta. A metodologia de que falo não é apenas uma metodologia de luta, mas

algo para aplicar a toda a vida até onde for possível. Primeiro que tudo, a luta deve ser levada a cabo com completa autonomia de todas as organizações representativas. Precisamos de reconhecer os sindicatos e os partidos como usurpadores e de determinar as nossas actividades específicas em qualquer luta por nós mesm@s, sem prestar atenção às suas exigências. Em segundo lugar, a nossa prática necessita de ser a da verdadeira acção directa – descobrindo como cumprir as tarefas específicas que colocamos em nós por nós mesm@s, não exigindo a qualquer autoridade ou "representante" da luta que actue por nós. Terceiro, precisamos de permanecer em conflito permanente com a ordem social a que nos opomos, prestando atenção ao assunto específico que temos em mãos, mantendo activos os nossos ataques de modo a deixarmos claro que não temos intenções de sermos recuperad@s. Quarto, precisamos de estar ao ataque, recusando negociar ou fazer cedências àquela/es no poder. Esta metodologia carrega dentro dela quer o princípio da auto-organização quer a necessidade revolucionária de destruir a ordem vigente actual.

Devido à natureza das nossas aspirações anarquistas, a nossa intervenção em lutas irá sempre expressar-se como uma tensão em vários níveis. Primeiro, como disse, a maioria de nós estamos nós mesm@s entre @s explorad@s e sem posses da corrente ordem social, não parte das classes governantes ou gestoras. Assim, nós enfrentamos as mesmas realidades imediatas que aquelas/es à nossa volta, com o mesmo desejo de alívio imediato. Mas também temos o desejo de um novo mundo e queremos trazer este desejo para todas as nossas lutas, não apenas em palavras, mas do mesmo modo que levamos a cabo a nossa prática. Assim, existe a tensão de deliberadamente nos movermos em direcção à autonomia e à liberdade sob condições opressivas. Adicionalmente, nós temos maneiras específicas nas quais desejamos levar a cabo as nossas lutas e viver as nossas vidas. Estes métodos são baseados em relações horizontais e nas recusas de hierarquia e vanguardismo. Portanto, há a tensão de lutarmos para descobrirmos manei-

confiar n@s outr@s. Esta é a mensagem básica. O "nunca fales com estranh@s" das nossas mães ou professores torna-se também no comportamento adulto standard. Isto é reforçado pelos vários aparatos tecnológicos que tornam difícil a comunicação entre estranh@s: aparelhagens pessoais (walkmen, discmen ou a mais recente inovação, os leitores de mp3 – n. d@ t.), telemóveis, jogos de consola portátil e outras coisas desse género. No meio da multidão, cada um/a de nós permanece no seu pequeno mundo, com medo de sair. Mesmo dentro do meio anarquista, a regra do medo encontra o seu lugar. A bem real necessidade de segurança é muitas vezes transformada numa desconfiança paranóica de qualquer pessoa que não tenha a aparência correcta, e portanto reforçando a guettoização numa subcultura. Se temos algum desejo de transformação social, é mais seguro permanecer dentro dos limites do meio activista especializado. É claro que isto garantirá que tal transformação não ocorra.

Seria fácil desesperar frente à realidade Americana. É difícil ver como qualquer movimento social possa ser reavivado a partir de tão grande atomização. Mas mesmo assim, tem havido algumas pistas de que por entre aqueles no fundo alguma consciência da necessidade de realmente comunicar se está a desenvolver. O declínio económico recente empurrou mais pessoas para posições precárias, fazendo com que algumas pessoas pelo menos examinem questões mais profundas. Ainda assim, a criação de um qualquer verdadeiro movimento social aqui terá de envolver uma verdadeira e concreta rejeição da política activista e a exposição e feroz confrontação com @s recuperadores/as que ela cria. Visto que nós desejamos uma radical transformação social, uma das nossas tarefas como anarquistas será precisamente encorajar aqueles/as que estão a ficar enraivecid@s com as condições da sua existência nesta sociedade a pensar e agir por si mesm@s, em vez de se apoiarem nas várias ideologias e organizações que se oferecerão para representar a sua raiva e resistência.

pessoas, para impedir a comunicação com aqueles/as que nos rodeiam. Além disso, @ trabalhador/a sindicalista bem pag@ interiorizou tanto a burguesa ética do trabalho que vê qualquer pessoa sem trabalho, mesmo @ sem-abrigo que vive na rua, como uma sanguessuga "a viver dos seus impostos".

Nos Estados Unidos a questão da raça não pode ser ignorada, ao lidarmos com este problema. O modo como esta questão é muitas vezes encarada nos círculos anarquistas, com auto-flagelação mental, moralismo e culpa politicamente correct@s, é inútil de um ponto de vista revolucionário. É essencial, em vez disso, notar que, por um lado, a criação social da raça foi desenvolvida através de do uso de métodos de exploração e opressão bem diferentes em pessoas de diferentes cores de pele e *backgrounds* culturais e, por outro lado, que @s governantes usaram estas diferenças em experiências para criar e manter profundas separações entre aqueles/as com diferentes backgrounds, para garantir que @s explorad@s continuam a não ver a necessidade de coordenar as suas várias lutas de modo a atacar mais fortemente a classe dominante. Mas como as coisas estão agora, nos Estados Unidos, a consciência de raça tende a ser bastante mais forte do que a consciência de classe, e isto tem um papel importantíssimo no fortalecimento da atomização e na prevenção de lutas significativas se unirem de um modo que poderia ser a base para um verdadeiro movimento social.

Outro factor que fortalece a alienação e impede o desenvolvimento de um movimento social aqui é o uso de uma propaganda do medo como um grande factor de controlo social. Desde os ataques de 11 de Setembro de 2001, a retórica do medo alargou-se enormemente, mas ela sempre foi uma ferramenta importante da classe dominante. O espectro do crime é sempre aumentado nos media – antes do 11 de Setembro, levemente apimentado com o terrorismo, desde aí fortemente apimentado. Os vários modos de policiamento e de real ou (mais vezes) aparente vigilância ajudam a reforçar esta mensagem de medo. Não se deve

ras de aplicarmos as nossas concepções de como levar a cabo a luta, concepções essas que encorajem as já existentes tendências para a auto-organização e a acção directa e que não caiam nos métodos do evangelismo político. Nós estamos, afinal de contas, a tentar relacionarmo-nos como companheir@s e cúmplices, não como líderes. E depois há a tensão de querer agir imediatamente contra as imposições que esta sociedade coloca sobre as nossas vidas, seja qual for o corrente nível de luta, enquanto novamente evitamos qualquer tendência para o vanguardismo. Assim, a intervenção anarquista é a apertada corda entre viver a nossa própria luta nos nossos quotidianos e encontrar as maneiras de ligar esta luta com as lutas de tod@s @s explorad@s, a maioria d@s quais não partilha das nossas perspectivas conscientes, uma ligação que é necessária se queremos movimentarmo-nos na direcção da insurreição e revolução social. Um passo errado numa direcção vira a nossa luta contra si mesma, transformando-a num hedonismo radical individual sem qualquer relevância social. Um passo errado na outra direcção torna-a em apenas mais um partido político (independentemente do nome que se lhe pudesse dar para esconder este facto) debatendo-se pelo controlo da luta social. É por isto que não nos devemos esquecer que não procuramos seguidoras/es ou aderentes, mas cúmplices no crime da liberdade.

A intervenção anarquista pode ocorrer em duas circunstâncias: onde uma luta auto-organizada d@s explorad@s está em curso, ou onde uma situação específica pede por uma resposta imediata e @s anarquistas lutam para encorajar métodos de resposta auto-organizados. Um exemplo da primeira situação seria um movimento de greve selvagem em curso no qual @s anarquistas poderiam exprimir solidariedade, encorajar o espalhar da greve, expor as traições do sindicato, partilhar uma mais alargada crítica do sindicato como instituição e partilhar visões de uma maneira diferente de se encontrar com a vida e o mundo que não a de trabalhar para manter um certo nível de sobrevivência. Iremos olhar para uma variedade de exemplos mais abaixo. O

segundo tipo de intervenção seria algo como a construção de uma base de mísseis nucleares na zona onde alguém vive ou o assassinato policial de pessoas pobres ou de minorias. Estas situações pedem uma resposta imediata, e @s anarquistas em face de tais situações quererão leva a cabo e encorajar respostas autónomas usando acção directa em vez de fazer exigências àquelas/es do poder. O modo preciso no qual @s anarquistas possam intervir em tais situações iria variar dependendo das circunstâncias. Mas o objectivo é sempre o de encorajar a tendência para a autonomia, a auto-organização e e acção directa e não impor uma perspectiva política.

Algumas situações históricas e actuais

Felizmente, visto que aquelas/es de quem as suas vidas são retiradas chegam frequentemente a um nível de raiva à sua condição e desconfiança tanto pel@s governantes como pel@s que reclamam representar @s explorad@s, não é difícil encontrar exemplos da prática da auto-organização autónoma. Nalgumas destas circunstâncias, podemos também encontrar exemplos da intervenção de revolucionári@s anti-polític@s (se não sempre especificamente anarquistas) nestas lutas. Adicionalmente, eu encontrei um exemplo de uma intervenção anarquista em resposta a uma situação específica, onde elas/es actuaram para encorajar a acção directa auto-organizada contra a instalação de uma base de mísseis nucleares na Sicília. Vamos olhar para cada uma destas situações.

Itália, anos 70

Durante os anos 70, a Itália experienciou um movimento social massivo de revolta que envolvia trabalhadoras/es, estudantes e jovens explorad@s, com as mulheres a desempenharem um papel principal em muita da actividade. Uma das espectaculares características deste movimento

nascem dos quotidianos nem das experiências vividas por aqueles/as envolvid@s e, portanto, não constituem uma verdadeira resistência *social.*

A especialização do activismo em volta de causas espectaculares também transforma os envolvidos, pelo menos potencialmente, em *representantes* da luta. Nos Estados Unidos, isto não é nenhum pormenor. A quantidade de vezes que grupos activistas e líderes religiosos reprimiram/sufocaram uma situação de motim ao desempenharem o papel de “representantes” dos oprimidos ante as autoridades não deixa dúvidas. Com gritos de “justiça” e “direitos”, eles afastam uma resposta imediata de raiva contra esta sociedade da área de rebelião social e colocam-na na área da política e das petições às autoridades. Aqueles/as que desempenham este papel têm de ser reconhecid@s como @s inimig@s de qualquer movimento social de rebelião, a garantia de que toda a rebelião imediata não será mais que um mero fragmento, um evento sem passado nem futuro e sem qualquer relação com rebeliões noutros lugares – o interminável presente dos media, no qual a actividade significativa se torna impossível. Nós não podemos deixar que uma ridícula e politicamente correcta moralidade nos impeça de expor o seu papel sem rodeios.

O activismo especializado é ele mesmo um sintoma de problemas mais profundos. Em todas as situações acima descritas, houve níveis de coesão social que não existem correntemente nos Estados Unidos. Sem tentar delinear todas as razões aqui, é necessário reconhecer que a nossa é uma das sociedades mais atomizadas que existe. Embora tenha havido algumas lutas significativas de trabalhadores desde a 2ª Guerra Mundial, estas tenderam a permanecer isoladas, pois a consciência de classe quase desapareceu na América. Em grande parte, os trabalhadores nesse país adquiriram valores de consumo da “classe média”: o desejo da casa de família, pelo menos dois carros, centros de entretenimento porreiros, uma aparelhagem pessoal, etc. etc. E assim muitos dos produtos que são considerados desejáveis, na verdade, actuam na prática para separar as

mente em uma ou duas das cidades para as quais os motins se espalharam após o veredicto de Rodney King em 1992, aconteceram de facto assembleias espontâneas para decidirem como levar a cabo os motins e as pilhagens eficientemente.

Mas em questões importantes, a situação nos Estados Unidos hoje em dia não é a mesma que nos anos 60 (e mesmo os diferentes movimentos e lutas pareceriam ter problemas de comunicação), nem é como em Itália ou Espanha (onde, mesmo agora, grevistas selvagens são apoiados por outros, incluindo revolucionários), Algéria ou Bolívia.

Talvez a primeira coisa que tenhamos de enfrentar como anarquistas revolucionári@s nos Estados Unidos é que não existe movimento social neste país. A revolta social colectiva só se dá em situações repentinas, como resposta a situações imediatas, e dissipa-se rapidamente assim que a repressão e a recuperação entram em jogo para dissolver a situação.

A ilusão de que há um movimento neste país (para quem tiver essa ilusão) é o resultado de activismo especializado, da miríade de grupos, organizações e *networks* que publicitam esta, aquela ou a outra causa, assunto ou ideologia. Mas activismo especializado é, na verdade, o próprio oposto de um movimento social, por uma diversidade de razões. Primeiro, ele é essencialmente político, em vez de social por natureza. Os vários grupos activistas *representam* a causa, assunto ou ideologia que é a sua especialidade. Esta representação pode apenas acontecer através da reificação seja de que situação for que está por detrás da causa do grupo, da sua transformação numa imagem espectacular (a floresta devastada, o bebé Iraquiano morto, o gato com o eléctrodo na cabeça, …). E este processo de espectacularização assegura que estes assuntos continuarão a ser percebidos de uma maneira fragmentada que mantém o papel especializado dos grupos activistas e impede qualquer análise ou prática revolucionária em relação ao assunto particular em que eles se especializam. Os protestos destes grupos activistas podem dar a imagem de resistência, mas eles não

era precisamente a sua autonomia das organizações habituais que reclamavam representar a luta d@s explorad@s. Nem sindicatos nem partidos conduziram o movimento e a suspeita destas organizações era elevada, e tornou-se cada vez maior à medida que gritantes tentativas por parte de partidos e de sindicatos de recuperarem ou desacreditarem as lutas expunham a sua verdadeira natureza.

No decorrer destas lutas, uma variedade de diferentes formas de greve selvagem, manifestações massivas, sabotagem, ocupações em massa de habitações e de outros espaços, batalhas na rua contra bófias e fascistas e um grande número de outras formas de acção directa tomaram lugar em todo o país. Além disso, a luta armada começou a desenvolver-se numa variedade de formas, muitas vezes sem a espectacular e especializada forma de grupos como as Brigadas Vermelhas. Com o objectivo de comunicar as realidades desta luta umas com as outras e para coordenar a actividade, assembleias espontâneas desenvolveram-se em fábricas, universidades ocupadas e bairros. As muitas vezes veementes discussões e debates levantavam questões da natureza desta sociedade e de como lutar contra ela até níveis muito elevados, inclusive questionando o trabalho em si mesmo (e não apenas condições específicas de trabalho), o casamento e a família (como fontes de relações de género e de idade opressivas), o aparato tecnológico e a natureza da produção e por aí fora.

É claro, houve muit@s anarquistas e outr@s revolucionári@s anti-polític@s envolvid@s neste movimento. As suas intervenções tomavam uma variedade de formas das quais mencionarei apenas algumas. Havia a miríade de publicações para espalhar análises anarquistas e anti-polític@s da insurreição em curso. Um grande número de estações de rádio piratas apareceu, ajudando a aumenta o espalhar de informação sobre lutas específicas dentro da área nas quais estavam localizadas. Além disso, muit@s anarquistas (e outr@s) juntavam-se em pequenos grupos de afinidade para levar a cabo ataques e actos de sabotagem específicos, relacionados com aspectos específicos da corrente luta. A

maioria destes grupos era temporária, com o objectivo de concluir uma acção específica. Um grupo armado específico, Azione Rivoluzionaria (AR), com o passar do tempo deixou de lado uma perspectiva anti-política, anti-autoritária e anti-capitalista. Ao ler os seus comunicados e textos teóricos, torna-se evidente que o grupo foi largamente influenciado por Vaneigem. Para todos os efeitos, era uma federação informal de grupos de afinidade que executaram vários ataques armados contra as instituições do poder. Ao contrário das estalinistas Brigadas Vermelhas, que sem dúvida tencionavam ser o partido armado condutor do proletariado à vitória, a AR via-se apenas como um passo em direcção à generalização da luta armada. Ainda assim, levou a cabo os seus ataques de uma maneira que permitiu que fosse espectacularizada e separada da luta mais alargada, tornando-se assim, a um nível prático, especialistas numa particular ferramenta de luta.

A luta insurgente dos anos 70 em Itália chegou bastante longe. Certamente, muit@s sentiam no ar o cheiro a revolução (incluindo, infelizmente, as autoridades). Seria impossível saber até onde a específica actividade d@s anarquistas ou de outr@s revolucionái@s anti-polític@s influenciou de facto a direcção da revolta geral, mas certamente que muita da intervenção (desde a rádio pirata até à sabotagem e para lá disso) foi útil. E as maneiras nas quais muitas das lutas autónomas – em particular acções em pequena escala – foram organizadas são reminiscentes de ideias e práticas d@s anarquistas influenciad@s pelas ideias de Galleani. Se grupos como a Azione Rivoluzionaria caíram num papel específico, e assim embotando a utilidade da sua actividade, muitos não caíram, e havia uma capacidade para críticas sérias no seio da luta, que nos permite aprender a partir dos acontecimentos.

Por fim, a severa repressão estatal em conjunto com o disseminar de desentendimento por entre aquelas/es em revolta conduziu à dissipação deste movimento. Quando o estado atacou, o movimento não estava preparado para se defender. Embora existissem insinuações da possibilidade

Outros espaços públicos estão a ser planeados para alargar a vigilância e limitar as possibilidades de ajuntamento. Esta é uma área na qual é necessária resistência imediata e onde precisamos focar a imaginação.

Onde há tradições e histórias conhecidas de auto-organização, estas podem por vezes fornece uma base para a auto-organização da revolta. As tradições indígenas, em particular, fornecem por vezes tais estruturas. Por outro lado, onde não houver tais tradições, imaginação e a capacidade de sermos capazes de criar a partir do nada são essenciais. Isto aponta para outra área onde a resistência imediata é necessária: a cada vez maior degradação da capacidade de pensamento criativo precisa de ser combatida com unhas e dentes. A estandardização do pensamento em meros cálculos e o vazio recitar de lugares comuns devem ser rejeitadas e contrariadas, para que a capacidade de nos agarrarmos realmente às situações continue.

A situação nos Estados Unidos

A ausência de um movimento social

Nenhum dos exemplos que apresentei vem dos Estados Unidos. E isto não é porque não tenham havido exemplos de lutas e revolta auto-organizadas neste país, mas a maioria já aconteceram há algum tempo e não chegaram nem de perto ao que chegaram os acontecimentos acima. Houve o movimento de greve selvagem entre os mineiros de carvão nos anos 60. Embora houvesse montes de cortes políticos, os movimentos anti-guerra, de libertação dos pretos e outros dos anos 60 também tiveram aspectos auto-organizados. Os motins entre o pessoal militar Americano no Vietname foram revoltas auto-organizadas. E mais recentemente, aparente-

lutas totais. Alerta também para um profundo desenvolvimento teórico, capaz de perceber imediatamente situações específicas em termos da totalidade de dominação, exploração e alienação, e ao mesmo tempo capaz de fazer uma aplicação prática desta teoria. Isto requer uma tendência para constantemente examinar as realidades que se desenvolvem à nossa volta, fazendo ligações que demonstrem a necessidade de uma ruptura revolucionária, enquanto simultaneamente isolando áreas apropriadas para a intervenção e alvos apropriados para o ataque.

Quando um motim ou uma luta espontânea vai para além dos estádios iniciais, os explorados reconhecem a necessidade de comunicação horizontal. Assembleias ou algo semelhante desenvolvem-se espontaneamente. A rejeição da política e da representação expressam-se nestes métodos. Ao mesmo tempo, há sempre infiltrad@s de partidos e sindicatos, juntamente com outr@s predadores/as, procurando o ponto fraco onde possam "oferecer a sua ajuda". Novamente, @s anarquistas e @s revolucionários anti-polític@s precisam de se preparar para manter um ataque constante contra estas tendências recuperadoras em jogo, assim como empurrando constantemente a luta numa direcção plenamente anti-política, na qual negociações e, portanto, representação, não têm lugar.

Espaços que tiveram tendência a juntar pessoas por razões que não são as suas são transformados na medida do possível em espaços para os projectos próprios dessas pessoas. Este aspecto é bastante importante, visto que a classe dominante está a fazer os possíveis para encerrar ou controlar os espaços públicos. Nos anos 70 as fábricas podiam de facto fornecer espaço para assembleias e outras actividades insurgentes. Com as mudanças nos modos como a produção é levada a cabo, esta opção já não existe.

da generalização da luta armada (indivídu@s que não faziam parte de qualquer grupo armado especializado começavam a armar-se por motivos de defesa), a combinação de manifestos de certos grupos de esquerda dizendo que não era a altura certa para o conflito armado conjugou-se com a espectacularização mediática de grupos armados especializados para impedir qualquer clareza nesta questão. Ainda assim, existe uma grande quantidade de análises anarquistas destes tempos, analisando as questões de como se desenvolvem lutas insurgentes, da intervenção anarquista, da luta armada e por aí fora. E uma grande quantidade de experimentação e exploração nestas áreas continua na Itália nos dias de hoje.

Espanha, 1976-1979

Em Dezembro de 1975, Franco, que foi ditador de Espanha durante mais de 35 anos, morreu. À medida que um novo regime tentava restabelecer a ordem sob a forma de um estado democrático, rebentou um movimento de greve selvagem, abrindo possibilidades para uma nova sociedade na qual estados e chefes não teriam lugar. O movimento de greve selvagem reflectia vários aspectos daquela altura: a abertura providenciada pela queda do regime de Franco, a reestruturação do capital Espanhol desejada pela classe governante, à custa d@s trabalhadoras/es, a reverência dos sindicatos e dos vários partidos da esquerda às exigências da classe governante, na esperança da legalização, a prontidão d@s explorad@s para agarrar esta oportunidade para agir segundo os seus próprios interesses.

A luta espalhou-se por um elevado número de cidades em Espanha. Trabalhadora/es bloquearam estradas, foram em piquetes voadores para espalhar as notícias da greve n outros locais, combateram a polícia e ocuparam fábricas e outros espaços. As várias acções d@s grevistas eram organizadas em assembleias diárias nas fábricas onde as verdadeiras decisões eram tomadas e assembleias conjuntas bisemanais que apenas tinham uma função coordenadora.

Além disso, à medida que o movimento se espalhava, assembleias de bairro também se formavam, espalhando a luta contra a exploração através do terreno da vida quotidiana. Curiosamente, foi o espalhar do movimento assembleário para lá das fábricas que levou a críticas mais profundas e ao questionamento do próprio trabalho assalariado.

A maior fraqueza deste movimento parece ter sido a sua tolerância a infiltrad@s de sindicatos e partidos nas assembleias. Estas/es servidoras/es das várias burocracias da oposição estavam, como é óbvio, sempre a pedir por moderação e negociação, e a tentar ganhar controlo das assembleias. Embora fossem normalmente ignorad@s, não eram expuls@s das assembleias e em vários incidentes elas/es minaram lutas em curso através da usurpação e da negociação com @s governantes. Isto teve um papel crucial na eventual dissipação desta revolta.

Visto que a Espanha tem uma história anarquista tão forte, @s anarquistas sem dúvida tiveram um papel significante nesta luta. Mas não através de nenhuma das tão conhecidas organizações. A mais bem conhecida organização "anarquista" em Espanha, a CNT, provou novamente que é, antes de mais, um *sindicato laboral*, ou seja, uma organização que *representa* as lutas de trabalhadoras/es em negociação com @s chefes. Como todos os outros sindicatos, ela procurava a legalização no novo regime, e portanto teve o mesmo papel que os outros tiveram – o de tentar manipular as lutas na direcção da moderação e do compromisso.

Por outro lado, havia revolucionári@s anti-polític@s envolvid@s de várias maneiras no movimento de greve selvagem. Durante esse tempo escritos anónimos foram difundidos, analisando a situação desde uma perspectiva explicitamente revolucionária e expondo as manipulações dos sindicatos e dos partidos. Um grupo, que se auto-denominava "Incontrolables", usando o termo depreciativo que toda a gente, de republican@s a CNTistas, usava contra aquelas/es revolucionári@s que não obedeciam às/aos concessionários líderes dos anos 30, ofereceram análises regulares da situação.

maior parte d@s trabalhadores/as de trânsito têm famílias, trabalham sob condições precárias (muitos como trabalhadores/as temporári@s ou em estágio) e têm salários bastante baixos, para trabalhadores/as sindicalizad@s. As confederações foram contra as greves selvagens desde o início, e os sindicatos de base têm também o seu estatuto legal como intermediários em disputas laborais para proteger. Portanto @s trabalhadores/as não podem contar com nenhum deles. A insurreição dos anos 70 em Itália foi largamente despoletada por actividade selvagem, mas as circunstâncias agora são diferentes. Por isso é difícil fazer predições.

Anarquistas e outr@s revolucionári@s anti-polític@s envolveram-se nesta luta através de flyers e comunicação directa, expressando solidariedade e encorajando as pessoas que têm tido dias de férias da escola e do trabalho devido às greves a usar o tempo para descobrirem maneiras diferentes de se encontrarem uns com os outros e com o mundo. Além disso, também houve sabotagem de parquímetros e de outras propriedades da companhia de trânsito.

Algumas características significativas

Há algumas características significativas que saltam à vista nesta situações:

Motins, levantamentos e insurreições não são, geralmente, inspirados por grandes ideias, sonhos utópicos ou críticas teóricas totais da ordem social. Muitas vezes a faísca que os despoleta é bastante banal: instabilidade económica, más condições de trabalho, traição por parte daqueles/as que dizem representar os interesses de alguém, brutalidade policial. Estes detalhes aparentemente pequenos despoletam a revolta quando a raiva se combina com uma desconfiança tanto nas instituições governantes, como nas da oposição. Este facto alerta @s anarquistas para evitarem uma pureza ideológica que requer participação apenas em

sindicato com os patrões, têm apoiado as acções selvagens d@s trabalhadores/as de trânsito. Contudo, as lutas da Alfa-Romeo parecem estar largamente sob o controlo dos sindicatos de base, e para além das mostras de insatisfação, não ouvi falar de nenhuma acção específica tomada pel@s trabalhadores/as metalúrgic@s. Portanto é difícil dizer onde isto poderá levar. Na verdade, parece que por agora as coisas acalmaram.

As assembleias nas estações de serviço e os bloqueios de vias públicas, que eram o principal método destas greves, ofereceram um espaço para alguma comunicação directa entre @s trabalhadores/as de trânsito e outr@s. Em algumas das greves, outr@s trabalhadores/as e apoiantes d@s grevistas tomaram parte nos bloqueios. Em fins de Janeiro assembleias mais alargadas tomavam lugar, mas pareciam ter ficado sob o controlo dos sindicatos de base. Numa dessas assembleias, @s trabalhadores/as prometeram convocar reuniões nos seus locais de trabalho para aumentar o apoio aos/às trabalhadores/as dos transportes e aos/às da Alfa Romeo. Se algum/a trabalhador/a de trânsito fosse tocad@ pela repressão, uma resposta em massa seria organizada em todos os locais de trabalho. Mas o controlo dos sindicatos de base faz isto parecer bastante suspeito, particularmente visto que desde o seu primeiro envolvimento directo (9 de Janeiro) não tem havido nenhuma acção autónoma além da greve selvagem de dois dias em Milão e de meio dia em Génova.

Em Fevereiro a mão da repressão começou a abater-se. Formaram-se comités de solidariedade. Embora não tenha ouvido detalhes, aparentemente têm havido acções contínuas de trabalhadores/as despedidos da Alfa Romeo e de outros por toda a Itália, embora todas sob o controlo dos vários sindicatos de base.

Portanto a situação acalmou-se. É difícil saber quanto tempo vai esta calma durar ou qual o papel específico que as forças recuperativas tiveram a arrefecer esta luta. Certamente que se não se tivesse espalhado de maneira verdadeiramente auto-organizada, a luta não teria durado muito. A

Além disso, havia os “grupos autónomos” que estavam activos mais tarde no movimento. Estes grupos eram constituídos por indivídu@s das classes exploradas, com uma análise revolucionária, que decidiram deixar de trabalhar e viver fora da lei, tomando parte nas lutas desde este ponto. A sua prática começou pel@s suas/seus própri@s necessidades e desejos, mas visto que estas/es incluíam solidariedade com outr@s, os seus actos de expropriação, vandalismo e sabotagem iriam reflectir esta cumplicidade. Elas/es não se viam a si mesm@s como algum tipo de especialistas, mas simplesmente como indivídu@s que fizeram uma escolha sobre como queriam viver, aqui e agora, em batalha contra esta ordem social, e agiram segundo essa escolha. As suas intervenções eram precisas e com alvos específicos, de modo a serem compreendidas em termos do movimento de greve selvagem em curso.

Comiso, Sicília, 1982-3

Em Dezembro de 1979, os Estados Unidos fizeram um pacto com o governo Italiano para este albergar mísseis Cruzeiro em Itália. O acordo foi feito em segredo, mas na primavera de 1981, as notícias começaram a verter. Um aeroporto perto da cidade de Comiso na Sicília do sul tinha sido escolhido como a base onde iriam ser guardados 112 mísseis nucleares. De imediato, gerou-se a raiva acerca desta evidente intrusão nas vidas da população daquela zona. As pessoas começaram a discutir o assunto e anarquistas tomaram parte nestas discussões, distribuindo folhetos e indo às reuniões sobre a base.

@s recuperadoras/es do costume estiveram prontamente no local, com os partidos da esquerda formando comités de paz com o objectivo de realizarem protestos simbólicos para influenciarem as decisões d@s governantes. Mas anarquistas e outr@s revolucionári@s, interessad@s no potencial radical das pessoas enraivecidas daquela região, formaram um Grupo de Organização, apontado para uma abordagem baseada na acção directa e no ataque.

Enquanto os comités de paz organizavam massivas manifestações simbólicas exigindo “paz”, @s anarquistas e outr@s revolucionári@s do Grupo de Organização debatiam sobre como desenvolver e concentrar a luta em Comiso e noutras zonas que encaravam intrusões semelhantes, com objectivos de luta específicos. Anarquistas da Catania disseram que a luta devia ser levada a cabo tendo uma base social e revolucionária, usando uma metodologia de ataque apontada ao ataque das pessoas e estruturas responsáveis pela decisão de instalar a base. Em 1982, devido a contradições insolúveis, o Grupo de Organização separou-se.

Em Abril de 1982 os comités de paz organizaram mais uma marcha pela paz em Comiso. Foi a porcaria pacificadora do costume, reflectindo o oportunismo dos partidos esquerdistas. E portanto, em Maio, @s anarquistas de Ragusa e Catania decidiram intervir de forma a juntar toda a oposição na base, com o objectivo de ocuparem o espaço da base.

Ao longo dos meses seguintes tiveram uma série de reuniões públicas e distribuíram folhetos e outras leituras sobre o tema. Mulheres anarquistas foram porta-a-porta para falarem com as mulheres da região que raramente deixavam as suas casas devido à natureza extremamente patriarcal da cultura regional. Houve uma resposta positiva da população local, por isso @s anarquistas propuseram um método de organização da luta de uma maneira autónoma. A Sicília já tinha vivido a insurreição no passado, e uma das formas comuns que a auto-organização tomou foi a liga auto-gestionada. @s anarquistas recomendaram que as pessoas considerassem adoptar esta forma novamente para esta luta. Em 31 de Julho/1 de Agosto teve lugar uma conferência anarquista, terminando com mais uma reunião ao ar livre, na qual a luta contra a base de mísseis foi relacionada com a recusa do militarismo, enquanto um anarquista destruía os seus papéis do apuramento para o serviço militar.

As ligas auto-gestionadas começaram a desenvolver-se e @s anarquistas montaram um escritório de coordenação para assistência técnica e para facilitar a comunicação entre

fez esperar, tendo @s trabalhadoras/es do trânsito de toda a Itália participado em greves selvagens, “sick-in” (telefonar para o emprego a dizer que se está doente, muitas vezes feito simultaneamente por vári@s trabalhadores/as de uma empresa – nota d@ tradutor/a), e “work to rule” (trabalhar seguindo escrupulosamente todas as regras, normas e hierarquias de comando do trabalho, o que pode prejudicar e bloquear a execução do serviço/produto – nota d@ tradutor/a) nos dias seguintes. Criaram-se assembleias espontâneas em muitas estações e cada vez mais trabalhadoras/es queimavam os seus cartões do sindicato.

A 22 de Dezembro, apesar de uma ordem governamental de regresso ao trabalho, @s trabalhadoras/es optaram por continuarem a luta. A polícia foi chamada para @s forçar a voltarem ao trabalho, mas nalguns locais, como foi o caso de Brescia, @s trabalhadoras/es conseguiram repelir os ataques da polícia.

Várias acções selvagens se seguiram, com algumas greves em Janeiro. A 9 de Janeiro, o sindicato de base (COBAS e outras conhecidas organizações de base) apelaram a uma greve legal nacional contra o acordo dos sindicatos de 19 de Dezembro. Visto que estes sindicatos, apesar da sua forma relativamente descentralizada, são essencialmente órgãos de negociação tal como os maiores sindicatos, isto pode ser visto como um acontecimento de recuperação. Ainda assim, em Génova, @s trabalhadoras/es de trânsito optaram por tornar a greve ilegal. A 12 de Janeiro, trabalhadoras/es em Milão encetaram uma greve selvagem de surpresa. O governo ordenou novamente que regressassem ao trabalho. @s trabalhadora/es de Milão desafiaram a ordem, continuando a greve em 13 de Janeiro. E a 19 de Janeiro, @s trabalhadora/es do aeroporto de Roma encerraram mais uma vez o aeroporto durante oito horas.

Além disso, têm decorrido lutas contra a Alfa Romeo, em protesto contra os despedimentos. Nalgumas destas acções, @s trabalhadores/as despedid@s e @s ainda empregad@s actuaram em conjunto. Adicionalmente, parece que trabalhadores/as na indústria do metal, fart@s da cumplicidade do

suas vidas. A sua desconfiança por aquelas/es no poder é óbvia, e a continuação das assembleias oferece uma base potencial para mais lutas.

Não tenho conhecimento do envolvimento directo de anarquistas nesta luta, mas se há anarquistas a viver na região, presumo que tenham participado. O movimento em si expressou na prática os elementos essenciais: uma prática de acção directa, o desenvolvimento de um método de comunicação e coordenação directo e horizontal, uma desconfiança nas soluções políticas e a recusa de negociar ou de fazer cedências.

Greves selvagens em Itália, Inverno de 2003-4

Em 1 de Dezembro de 2003, @s condutoras/es de eléctrico de Milão fizeram uma greve selvagem durante todo o dia. Foi um bom dia para tal acção, pois era também o primeiro dia de uma cimeira oficial sobre ambiente em Milão – uma cimeira na qual líderes económic@s e polític@s iriam discutir como minimizar o estrago e o esgotamento de recursos enquanto maximizavam o lucro e o poder. A razão imediata para a greve foi a perda de salários reais devido à inflação e ao não cumprimento de contratos prévios. Contudo, desde o início que a greve reflectia uma raiva mais alargada contra as afrontas d@s chefes e a cumplicidade dos sindicatos nestas afrontas.

A 15 de Dezembro, houve acções selvagens efectuadas por condutoras/es de eléctrico em toda a Itália. Em Turim e em Brescia, @s condutoras/es entraram em greve e muit@s delas7es queimaram os seus cartões do sindicato. Em várias outras cidades houve baixas médicas em massa postas pel@s trabalhadoras/es. Alguns dias depois, @s trabalhadoras/es de aeroporto em Roma avançaram com uma greve selvagem, bloqueando as entradas do aeroporto, para protestarem contra iminentes despedimentos.

A 19 de Dezembro, os sindicatos assinaram um novo acordo com @s patroas/patrões do trânsito, passando por cima d@s trabalhadoras/es do trânsito. A resposta não se

as ligas. @s anarquistas continuaram a convocar reuniões públicas e a distribuir folhetos. À medida que as ligas se iam formando entre trabalhadoras/es, estudantes, desempregad@s e por aí fora, várias acções, muitas vezes com o objectivo de tomar o tempo e o espaço necessários para discutir o assunto, tiveram lugar. Em particular, estudantes do liceu em Vitoria fizeram greves, usando o tempo para discutir o que fazer.

Entretanto, os efeitos da base tornaram-se cada vez mais claros à medida que camponesas/es iam sendo expulsos das suas terras para haver espaço para campos de teste de mísseis, enquanto oficiais Americanos e da NATO reservavam o uso de vários hotéis e outros serviços e a Máfia* usavam a intimidação e o terror para tentar amedrontar quem se opunha à base. Anarquistas continuaram a contactar trabalhadoras/es, desempregad@s, estudantes e donas de casa naquela zona, mas as forças de repressão actuaram para obstruir a sua actividade através da intimidação, da falsa informação e por aí fora.

A ocupação em si nunca ocorreu. À medida que o projecto avançava, um elevado número de anarquistas vieram para Comiso, e a maioria sentia que a ocupação era demasiado arriscada naquela altura. Ainda assim, a progressiva actividade contra a base durante este tempo conduziu de facto a uma série de situações explosivas e certamente indicavam a abertura de muitas pessoas da zona à luta auto-organizada. A iniciativa terminou com uma enorme manifestação que foi até á base de mísseis. @s bófias fizeram vários ataques violentos contra @s manifestantes que duraram várias horas. @s bófias, na verdade, perseguiram @s manifestantes ao longo de vários quilómetros. A base de mísseis entrou em operação em meados dos anos 80, mas foi posta fora de operação em 1992.

O que é interessante nesta iniciativa não é o seu sucesso ou falhanço, mas a tentativa de encorajar uma revolta auto-organizada contra a base, em oposição aos protestos simbólicos que o Partido Comunista Italiano e outros partidos da esquerda estavam a promover. Para este fim, @s anarquis-

tas mostraram as ligações entre a base de mísseis e as realidades de exploração na zona – a expulsão de camponesas/es das suas terras, a degradação da situação económica para @s trabalhadoras/es, o carácter passageiro dos empregos prometidos durante o período de construção da base, etc. Elas/es também se referiram à insurreição passada da região, apresentando métodos de auto-organização que se desenvolveram nestas circunstâncias. Além disto, elas/es simplesmente ajudaram a providenciar ferramentas necessárias. Será que escaparam à prática da politiquice do modo que levaram isto a cabo? A mim parece-me que sim, mas isso é uma matéria para discussão.

Albânia, 1997

Em 1997, teve lugar um levantamento na Albânia no qual o aparato do poder foi quase desmantelado. Como muitas vezes é o caso, o levantamento teve a sua ignição devido a banalidades imediatas, e não a grandiosas ideologias. Com o encorajamento do presidente Albanês Sali Berisha, muitas famílias Albanesas tinham investido todas as suas poupanças nalgumas companhias de finanças que prometiam enormes lucros. Estas companhias aparentemente operavam nalguma versão de um esquema em pirâmide. Em Janeiro, estas companhias foram para a bancarrota uma por uma, privando a já empobrecida população Albanesa do pouco que tinham.

O Partido Socialista convocou uma manifestação na capital, esperando tornarem-se líderes de um movimento pacífico de protesto. A raiva expressada na manifestação mostrou a todos os partidos que esta explosão não era controlável. Manifestações violentas alastravam-se cada vez mais. Esquadras de polícia, tribunais, e escritórios de ministérios e partidos foram atacad@s com pedras. Câmaras municipais foram incendiadas. O vice-primeiro-ministro foi raptado e espancado. O parlamento foi atacado e houve uma revolta prisional. Tudo no espaço das primeiras duas semanas.

À medida que a resistência se alastrava, os ataques con-

A Argentina tem uma antiga história anarquista, portanto não devia ser surpresa que haja lá vários grupos anarquistas. O que é surpreendente é o quão mal-preparad@s eles estavam para este levantamento. De facto, o primeiro manifesto que vi de anarquistas Argentin@s era a distanciar-se dos saques e motins, quase se lhes referindo como mero hooliganismo. É claro que isto mudou, mas ainda assim, lá @s anarquistas parecem ter demorado algum tempo até acompanharem o movimento. Uma vez isso feito, foram participantes activ@s nas assembleias de bairro, ocupações e coisas do género, e podemos assumir que tiveram algo a dizer na parte de manutenção da suspeição n@s polític@s e líderes, o que foi uma parte saudável da revolta.

Basilicata, Itália, Novembro de 2003

O governador da região de Basilicata teve a desagradável surpresa de descobrir, no último Novembro, que às vezes as pessoas simplesmente não dormem sobre as decisões que são feitas sobre as suas vidas. O governador tinha realizado um acordo para construir um depósito de lixo nuclear naquela região, perto da pequena cidade de Scanzano Jonica. As pessoas desta cidade não se acomodaram, simplesmente. Nem saíram à rua para realizarem abaixo-assinados para pedirem ao seu governador que mudasse de ideias. Em vez disso, elas decidirem entrar em acção directa, bloqueando as estradas de toda a região e encerrando-as.

Não houve grupos políticos de qualquer espécie envolvidos na organização desta actividade. As pessoas encontravam-se em assembleias para discutirem a questão e para organizarem os bloqueios. Ao que parece, um reles político tentou envolver-se, mas não foi bem recebido. Durante várias semanas em Novembro, o movimento manteve a região bloqueada. Em fins de Novembro, o governador voltou atrás com o seu plano de construir um depósito de lixo nuclear. Apesar das pessoas de Scanzano Jonica terem acabado com os bloqueios nessa altura, elas continuaram a ter assembleias gerais para discutirem as realidades das

mas que enfrentavam e como queriam levar a cabo as suas lutas. As assembleias tomavam lugar em cruzamentos e parques. Sendo assembleias abertas, como é óbvio, @s abutres dos partidos políticos e dos sindicatos vinham na esperança de tomarem de assalto o movimento, mas a suas tentativas de converter @s outr@s não foram toleradas. À medida que o levantamento se alastrava, também este método de organização o fazia, adaptado à situação específica.

Enquanto manifestações, ataques a instituições governamentais e negócios, bloqueios e até mesmo ataques a polític@s específic@s (um desprezível amigo foi espancado num restaurante onde comia) continuavam, as assembleias começaram a tomar também outros tipos de acção. Ocupavam-se espaços para desenvolver vári@s actividades e projectos. Trabalhadoras/es também ocupavam fábricas e faziam assembleias de fábrica. Houve várias reuniões entre trabalhadoras/es de fábricas ocupadas, pessoas das assembleias de bairro e aquelas/es de grupos de desempregad@s para discutirem para onde levar a luta. Esta foi uma questão importante, pois as várias ocupações significavam que cada vez mais das ferramentas através das quais funcionava a sociedade actual tinham sido reapropriadas pel@s insurgentes. A questão era de facto o que fazer com elas.

Os locais ocupados pelas assembleias de bairro eram já vistas como espaços para @s envolvid@s realizarem actividades e projectos que achassem desejáveis. @s trabalhadoras/es das fábricas ocupadas pareciam um pouco mais confus@s sobre a criação de algo realmente novo. De faço, uma série de trabalhadoras/es simplesmente reiniciaram a produção sob o "controlo d@s trabalhadoras/es". Numa fábrica, a exigência foi "nacionalização sob o controlo d@s trabalhadoras/es". Não tem havido novas notícias da Argentina desde que se falou nestas ocupações. É possível que o "realismo" d@s trabalhadoras/es, ou a simples dificuldade de tentarem viver de maneira diferente quando o mundo continua a seguir o caminho da exploração e dominação tenha acalmado as coisas por agora.

tra as estruturas do estado e do capital aumentavam. As pessoas começaram a armar-se através de ataques a esquadras de polícia, de raids a armazéns de armas militares (nos quais @s recrutas eram muitas vezes cúmplices) e por vários outros meios. Onde no início se faziam exigências, os ataques tornaram-se prática comum. Edifícios governamentais, sedes de partidos, quartéis de polícia, bancos e os escritórios dos serviços secretos, tod@s se tornaram alvos justos para atacar. À medida que a revolta se alastravas, cada vez mais pessoas estavam armadas. Elas foram capazes de montar bloqueios para travar veículos anti-motim que se deslocavam entre várias cidades. Elas desarmavam a polícia (e assim, armando-se cada vez mais), despiam-n@s e incendiavam-lhes os veículos. Até a residência pública de Berisha foi atacada e queimada. Do mesmo modo, prisões foram atacadas e pres@s libertad@s. @s insurgentes mostravam pragmatismo ao atacarem e levarem as armas das esquadras de polícia (e libertando quaisquer prisioneir@s sob custódia) antes de as incendiarem, assim como ao tornarem cada vez mais difíceis as operações policiais, ao roubarem ou destruírem equipamento policial. Todas as pessoas, homens, mulheres e crianças, se armavam para combaterem a polícia e @s militares. Barricadas e bloqueios eram montad@s nas regiões onde @s insurgentes tinham o controlo, antecipando o contra-ataque do governo. Agentes da polícia eram por vezes capturad@s ou mort@s; pessoal militar muitas vezes desertava e juntavam-se às/aos insurgentes.

À medida que se ia tornando óbvio que @s militares Albanesas/es não seriam capazes de vencer @s insurgentes (devido, em parte, às deserções), as forças de recuperação entraram em jogo. @s líderes dos partidos da oposição, auto-intitulando-se representantes d@s insurgentes, declaraam condições para o entregar de armas por parte d@s rebeldes – condições que significavam meramente uma mudança de governo. Nada disto, como é óbvio, foi pedido pel@s insurgentes.

Entretanto, @s insurgentes continuavam a atacar edifícios

governamentais, a saquear lojas, a armarem-se e a construir defesas. Muit@s d@s militares desertaram, ou juntando-se às/aos insurgentes ou voando para a Grécia. O alastrar da revolta forçou Berisha a tentar uma reconciliação com alguns partidos da oposição, num esforço para recuperar a resistência. Comités de Saúde Pública, constituídos por membros de partidos da oposição que queriam controlar e amansar a insurreição, foram formados numa série de vilas insurgentes. Quando aprovaram o acordo que Berisha tinha feito com o Partido Socialista, @s insurgentes ignoraram os CSP, e tomaram as suas próprias decisões. A insurreição estava a alastrar-se rapidamente e países em redor da Albânia começaram a temer que ela transpusesse as fronteiras. Em meados de Março, o governo, incluindo a polícia secreta, foi forçado a fugir da capital. O saque de armas e bens era furioso, e o quartel dos serviços secretos e o Banco Estatal foram atacados.

Nesta altura a UE prometeu uma "intervenção humanitária", com cinquenta mil tropas assim como conselheir@s técnic@s para ajudar as autoridades Albanianas no restabelecimento do funcionamento da polícia e das forças militares. Por esta altura, a insurreição tinha chegado ao ponto em que um ministro Albanês reclamou, "não há prisões a funcionar". No fim de Março, teve início a intervenção militar estrangeira. Entre Abril e Agosto, a combinação da repressão, da recuperação e da ocupação militar restaurou a ordem pública. Com as eleições no final de Junho, poder-se-ia dizer que a ameaça de revolução tinha desaparecido devido ao regresso da política, e a 12 de Agosto, as forças multinacionais deixaram a Albânia.

Mesmo após a queda do regime "comunista" de Hoxha, não é muito fácil obter informações da Albânia, e por isso é difícil saber com precisão como é que @s insurgentes organizaram as suas lutas. Parece que, de facto, formaram assembleias. Houve também "conselhos insurgentes", embora não se saiba se eles eram verdadeiras organizações autónomas d@s explorad@s, ou organizações de recuperação por parte dos partidos da oposição. Dado que grande

motins e uma chuva de pedras sempre que visitar a região de Cabila. A *aarch* convocou uma greve geral na região que aconteceu a 18 de Março (2004) e outro boicote às eleições para a mais recente eleição presidencial (Abril, 2004).

É duvidoso que haja muit@s auto-proclamad@s anarquistas na Algéria. Fora da Algéria, em Itália e França, uma série de anarquistas espalhou informação sobre a luta e levou a cabo acções em solidariedade. É questionável se a intervenção directa na Algéria seria apropriada ou útil, mas actividade solidária aqui certamente que iria.

Argentina, 2001-?

Já antes do levantamento de Dezembro de 2001, havia inquietação na Argentina. Uma economia despedaçada estava a ter efeitos devastadores, e com uma taxa de desemprego de mais de 25%, @s desempregad@s, entre outr@s, estavam já envolvid@s em protestos massivos que envolviam bloqueios e outras formas de acção directa. Mas em Dezembro de 2001, a economia Argentina entrou em colapso. As pessoas começaram a retirar o seu dinheiro dos bancos e o Ministro da Economia impôs um limite no máximo que se podia levantar. A resposta foi imediata. A 20 de Dezembro, tiveram início motins e saques em Buenos Aires, ao mesmo tempo que massivas manifestações. Bancos e instituições governamentais foram atacad@s. Embora muitas vezes retratado como um movimento de "classe média"*, na verdade ele englobava tod@s aquelas/es exteriores à classe do poder económico e político.

Os motins, os saques e as manifestações alastraram-se para lá de Buenos Aires, envolvendo todas as grandes cidades e grandes porções do campo. Nas manifestações, as pessoas frequentemente exigiam a dissolução completa do governo, e de facto, durante as primeiras semanas do levantamento, vários presidentes foram forçados a resignar.

Já em Dezembro, começaram a aparecer em Buenos Aires as primeiras assembleias de bairro, com o objectivo de oferecer às pessoas um espaço para discutirem os proble-

movimento para fins partidários ou arrastá-lo para competições eleitorais ou para qualquer outra possibilidade de conquista do poder", "não aceitar nenhuns encontros políticos nas instituições do poder", etc. Esta promessa foi imediatamente posta à prova quando sindicalistas e membros de partidos se tentaram infiltrar no movimento. O falhanço da sua tentativa de sequestrar o movimento foi tornado evidente quando manifestantes numa greve geral gritaram: "fora com @s traidoras/es! fora com os sindicatos!".

Quando oficiais do governo tentaram convencer certas pessoas na *aarch* a negociar, @s insurgentes baniram tod@s @s oficiais do governo da região de Cabila. @s que tentassem entrar seriam recebid@s com pedras. Em Outubro, manifestantes tentaram apresenta uma lista de exigências ao governo, mas foram recebid@s com severas medidas repressivas. Como resposta, a *aarch* e outros grupos de assembleias decidiram que não mais se iriam submeter as suas exigências ao governo, que as exigências eram absolutamente não-negociáveis e que qualquer pessoa que procurasse a negociação com o governo seria expulsa do movimento. Entre as exigências estava a remoção de todas as brigadas de polícia da região.

A recusa completa de concordância com o estado tornou-se norma em Cabila. Quando a polícia se atreveu a reaparecer na rua o conflito foi imediato, e em larga medida a polícia foi afastada da região. O movimento foi também capaz de coordenar dois massivos boicotes às eleições, nos quais quase ninguém em Cabila apareceu para votar e na Algéria como um todo, a ida às urnas foi bastante reduzida.

Nos fins de 2002, princípios de 2003, o governo Algeriano tomou acções repressivas contra o movimento e, em particular, contra a *aarch*. Houve centenas de detenções, mas houve também progressivas acções de protesto. Embora a repressão tenha abrandado a actividade insurgente e a polícia tenha regressado à região, a revolta não parou. Os motins continuam a ser a resposta habitual à negligência, assim com às atrocidades, do estado. Além disso, o presidente Algeriano Bouteflika pode esperar ser recebido com

pare da Albânia é ainda bastante rural, parece provável que velhas estruturas camponesas ofereciam alguma base para a criação de estruturas horizontais de tomada de decisão.

Devido à enorme quantidade de interesses económicos Italianos na Albânia, ela teve um papel crucial na supressão internacional da revolta. Ao mesmo tempo, anarquistas Italian@s procuraram examinar a situação e descobrir maneiras de expressarem solidariedade com @s insurgentes Albanesas/es. Infelizmente, a repressão imediata que elas/es estavam a sofrer devido ao caso Marini limitou as suas possibilidades, particularmente visto que muit@s destas/es anarquistas se encontravam elas/es própri@s na prisão.

Bolívia, 2000 – presente

Tem havido pouco descanso na América do Sul durante os últimos anos e a Bolívia tem sido o centro de alguma da actividade mais interessante. Tem havido uma série de razões para as rebeliões na Bolívia: as tentativas governamentais de dar o controlo dos direitos da água a poderes estrangeiros; as situações de vári@s trabalhadoras/es, grupos indígenas, cultivadoras/es de coca (cocaler@s), pequen@s devedoras/es; as tentativas governamentais de vender os direitos do gás natural a multinacionais, etc. Estas decisões oficiais depararam-se com bloqueios de estradas e cidades, greves, motins, ataques a esquadras de polícia e a outros edifícios governamentais, vários actos de sabotagem e por aí fora. Os protestos têm tido a tendência para progredirem, mantendo a pressão, forçando pelo menos um presidente a largar o posto. Tem também havido uma grande coordenação de actividades.

Embora sindicatos e partidos, assim como outras organizações políticas, tenham tido algum envolvimento com as várias revoltas, parece geralmente que esse envolvimento é periférico e tem o objectivo de movimentar as coisas na direcção de reformas e do estabelecimento de um governo "mais democrático". Ainda assim, cert@s líderes destes grupos parecem ter mais influência do que o saudável no movi-

mento.

Mas embora este factor reformista, o método de luta nos últimos anos tem geralmente tomado a forma de acção directa autónoma. Agricultoras/es indígenas dos planaltos e cocaler@s viraram-se para tradicionais métodos de organização informais e não-hierárquicos, como forma de organizarem as suas lutas. Num dado momento, aquelas/es em luta reclamaram a abolição do parlamento e o desenvolvimento de assembleias populares, indicando o desejo da auto-organização da vida assim como das lutas imediatas. Além disso, @s agricultoras/es dos planaltos e @s cocaler@s responderam à repressão começando a armarem-se.

@s anarquistas têm estado muitíssimo envolvid@s nestas revoltas. Juventudes Libertárias tem estado activa nas lutas, participando, apresentando críticas imediatas das actividades recuperadoras dos sindicatos, dos partidos e de grupos políticos e levando notícias para o exterior.

Mujeres Creando, um grupo anarco-feminista, tem também estado bastante activo, particularmente ao ajudarem pequen@s devedoras/es a organizarem as suas lutas. A sua acção talvez mais bem conhecida foi quando pequen@s devedoras/es, armad@s com dinamite e cocktails molotov, entre @s quais estavam mulheres relacionadas com Mujeres Creando, ocuparam três edifícios governamentais.

As lutas na Bolívia têm sido particularmente interessantes de várias maneiras. Todos os grupos d@s explorad@s, cada um com os seus problemas e as suas experiências específic@s, têm sido capazes de coordenar a sua revolta, actuando em solidariedade. Métodos de auto-organização úteis para a luta foram descobertos nas tradições indígenas do país. @s anarquistas têm tido um papel muito significativo nas lutas e têm frequentemente desmascarado as forças recuperadoras.

Região de Cabila, Algéria, 2001-presente

Em Abril de 2001, a polícia da área de Tizi Ouzou na região de Cabila na Algéria assassinou um rapaz do liceu.

Os motins começaram de imediato em Beni-Douala, uma vila da zona. Motins e manifestações rapidamente se alastraram até às outras cidades e vilas da região. @s amotinad@s atacaram esquadras da polícia e destacamentos militares com pedras, cocktails molotov e pneus a arder, e pegaram fogo a veículos da polícia, escritórios governamentais e tribunais. Os alvos de ataque depressa se alargaram, passando a incluir todos os tipos de edifícios governamentais, os escritórios de partidos políticos e de grupos fundamentalistas Islâmicos. No fim de Abril toda a região de Cabila estava em total insurreição. As tentativas do governo de suprimir a insurreição conduziram ao conflito aberto, com mortes e ferimentos de ambos os lados.

A região tinha já uma antiga tradição indígena de assembleias de vila e regionais. Assim, foi bastante simples começar a convocar estas assembleias como modo de organizar a luta. Além disso, durante o século 19 um movimento de resistência à regra colonial Francesa tinha desenvolvido um método de coordenação das actividades de assembleias de vila e regionais conhecido como *aarch*. Também isto foi revivido. O seu objectivo é puramente a coordenação, e @s delegad@s das assembleias de vila são mandatad@s especificamente e revogáveis em qualquer altura. Elas/es devem também aderir a um "código de honra" bastante interessante. Através desta forma de auto-organização, o povo de Cabila organizou manifestações massivas, greves gerais, acções contra a polícia e contra as eleições.

Em meados de Junho, o controlo estatal na região tinha sido quase completamente derrotado, os quartéis da polícia estavam em ruínas e @ própri@ polícias tinham sido completamente expuls@s, obrigando o governo a fornecer-lhes comida e outras necessidades básicas por helicóptero e comboios armados. A *aarch* recusava encontrar-se com o governo, e em meados de Julho o "código de honra" da *aarch* entrou em efeito, o que requeria às/aos delegad@s para "não ir em frente com quaisquer actividades ou assuntos que queiram criar ligações directas ou indirectas com o poder ou com @s suas/seus colaboradoras/es", "não usar o